

# Professor da Unicamp aconselha “repensar a prática sindical”

Repensar estruturas consolidadas que tiveram práticas que levaram a um certo tipo de esvaziamento na participação, especialmente no que se refere ao movimento sindical. Essa foi uma das idéias expressas pelo professor da Universidade Estadual de Campinas, especialista na área de pesquisa de História do Trabalho, Cláudio Henrique de Moraes Batalha, na palestra de abertura da III Jornada de História do Trabalho do Rio Grande do Sul, na quinta, 1º de junho.

Ele foi ácido ao analisar, por exemplo, as comemorações de 1º de maio, em que o debate político foi substituído por shows musicais e sorteios de prêmios. Doutor e pós-doutor em Paris (França), ele é autor de diversas obras como “Cultura de classes”, junto com Fernando Teixeira e, “O Movimento Operário na Primeira República”.

A III Jornada de História do Trabalho no Rio Grande do Sul foi promovida



RENATO SEERIG

Batalha: críticas à atual visão de sindicalismo

pelo departamento de História da UFSM, Seção Sindical dos Docentes (SEDUFISM) e Associação dos Pesquisadores em História (ANPUHR), no Auditório do CCSH (Antiga

Reitoria).

O tema da palestra foi “Os desafios atuais da História do Trabalho”.

Participaram também da mesa de abertura o vice-diretor do Centro de

Ciências Sociais e Humanas, professor Mauri Loebler, o chefe do departamento de História da UFSM, professor Vitor Biasoli, o representante da ANPUH, professor Diorge Konrad e o presidente da SEDUFISM, professor Carlos Pires. Inscreveram-se para a palestra do dia primeiro 140 pessoas, mas nem todos compareceram.

O professor da Unicamp comentou que se tem avançado muito no campo da história do trabalho nos últimos anos. Admitiu ter recuado da visão pessimista que tinha no final dos anos 1990. Entretanto, considerou que ainda se faz muita pesquisa de “caráter monográfico” na maioria dos mestrados e doutorados, mas que é preciso ir além. É preciso, segundo ele, sair da análise “puramente local” e abranger as várias dimensões. “É preciso refletir métodos e práticas de pesquisa”, defendeu Cláudio Batalha.

participaram também da mesa de abertura o vice-diretor do Centro de

## Escravidão e as “charqueadas”

As palestras da III Jornada de História do Trabalho no RS, no dia 2 de junho, passaram pela escravidão, movimento operário e anarquista no Rio Grande do Sul. A professora Regina Célia Lima Xavier, do departamento de História da UFRGS, fez um panorama da escravidão no Estado e apontou pesquisadores que possuem estudos sobre o tema na atualidade, como Mário Maestri (UPF) e Fernando Henrique Cardoso (ex-presidente da República).

Segundo ela, na visão desses autores, a introdução do trabalho escravo no Rio Grande do Sul está ligada às charqueadas, desprezando outras atividades. Ressaltou ainda que a imagem de que a escravidão não foi importante no Estado está sendo revista.

Também da UFRGS, o professor Benito Bisso

zações de trabalhadores no final do século XIX. Essas organizações de resistência se materializavam em forma de associações, jornais, partidos e congressos, com a predominância de socialistas e a participação de anarquistas. Em sua fala destacou o Socialismo no RS que, conforme o professor, pregava uma reforma moral da sociedade, em especial, da burguesia.

Os aspectos da militância anarquista no movimento operário gaúcho foi desenvolvido pela professora Isabel Aparecida Bilhão, do departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Isabel apontou as principais diferenças entre o socialismo e o anarquismo, que segundo ela se concentravam no discurso e na educação: “Em sua retórica, os anarquistas eram mais violentos e, na educação, viam a instrução pública como uma forma de domínio do Estado e da burguesia sobre o operariado. Já para os socialistas a educação era um direito dos operários e um dever do Estado”.



Bisso Schmidt (ao microfone): socialismo e reforma na sociedade

Schmidt, falou a respeito das origens do movimento operário até as primeiras décadas do século XX. Nesse contexto, ele explicou que a imigração alemã e italiana para o Estado contribuiu para o desenvolvimento industrial e para as primeiras organi-



Público prestigiou a Jornada que ocorreu no CCSH